

19 FEV 1995  
FHC

MERVAL PEREIRA

O presidente Fernando Henrique Cardoso, na entrevista coletiva de quinta-feira, conseguiu a proeza de derrubar as bolsas de valores brasileiras — por ter sido, na opinião dos especuladores, vago demais com relação às privatizações — e, ao mesmo tempo, provocar a ira dos petistas que consideram suas propostas de quebra de monopólios liberais em excesso. Talvez essa dualidade indique que o presidente está mais perto do equilíbrio do que se imagina mas, além das questões ideológicas, há no fundo da discussão algo maior e mais grave, que vem dominando o cenário político brasileiro nos últimos

# A esquizofrenia nossa de cada governo • GLOBO

anos. Trata-se da esquizofrenia com que o Governo vem sendo exercido desde o fim do ciclo militar.

O primeiro presidente civil, José Sarney, assumiu em situação traumática para o país e carregou durante todo o seu governo o estigma da dualidade, sendo tutelado por um PMDB que perdera o poder por designios do destino e, considerando-se usurpado, dedicou todas as suas energias a tentar pôr freios nos "liberais" que os azares da sorte instalaram no Palácio do Planalto. O próprio Sarney, para tentar se livrar da pecha de direitista, tirou de dentro de casa uma insuspeitada militante esquerdista, a atual governadora do Maranhão Roseana Sarney, que durante um período conseguiu roubar o monopólio do esquerdismo ao

PMDB, fazendo com que políticos tradicionalmente ligados às esquerdas frequentassem o Palácio do Planalto e tivessem voz ativa nas decisões do Governo.

O sucessor tinha muitas faces, tanto pessoal quanto politicamente, o que só fez aumentar a dose de esquizofrenia na política brasileira. Conviviam na mesma pessoa o homem elegante e o cafajeste; o político moderno e o coronel nordestino; o católico e o macumbeiro; o caçador de marajás e o marajá-mor. E o país afundou-se num caos institucional e moral para o qual somente a radicalização do impeachment podia ser a solução.

Mas o ciclo esquizofrênico continuaria na gestão Itamar Franco, que se dividia em tantos pedaços quantos

fossem os membros da turma de Juiz de Fora. E ainda tinha seu pedaço petista, e mais o seu pedaço tucano, e mais seu pedaço socialista pré-queda do Muro de Berlim, e por aí vai. E o país se despedaçando entre idas e vindas de uma personalidade tão ambígua que até mesmo fora do poder continua surpreendendo, dividido entre ir para Portugal ou para os Estados Unidos; entre se casar ou continuar solteiro na roda de chope dos amigos; entre tentar capitalizar a popularidade de fim de governo e tornar-se um estadista ou aceitar uma pensão vitalícia feita especialmente para ele e gozar a paz da velhice, desistindo de qualquer veleidade política adicional.

E pode haver relação mais esquizofrênica do que a do PSDB com o PFL, exemplarmente personificada

na relação de amor e ódio entre o senador Antônio Carlos Magalhães e o ministro tucano Sérgio Motta? E algo mais peculiar a troca de papéis entre o conservador ACM, pressionando por salários melhores, e o socialista FHC vetando o aumento do salário-mínimo? Não se trata aqui de discutir quem está com a razão, mas sim de registrar os efeitos maléficos que a esquizofrenia política provoca ao país.

E o pessoal do Governo oriundo da AP, que volta e meia tem uns ataques de esquerdismo só para ninguém dizer que eles venderam suas almas ao capitalismo selvagem? Não foi por outra razão que o presidente Fernando Henrique ficou tão irado quando rebateu a idéia de que seu governo seria neoliberal e produziu

aquela pérola onomatopéica do nhenhêm.

E o que dizer do petismo recorrente que ataca alguns tucanos, que sonham em ter membros do PT ao seu redor, provavelmente para barrar os ataques dos neoliberais que os ajudaram a chegar onde estão. No fundo, no fundo, gostariam mesmo de ter feito uma aliança com o PT nas eleições, mas não havia garantia de sucesso. Se imaginassem que o Plano Real é tão forte como está demonstrando, teriam ido às urnas sozinhos, e ganhariam. Teríamos, então, o primeiro governo desde a saída dos militares com caráter próprio, sem dualidades.

Merval Pereira é diretor da sucursal do GLOBO em Brasília.